A presença do complexo de Don Juan no personagem Mauricio Vilaça na obra *Revolta* de Márcio Souza[1]

Elves França da Costa Júnior[2]

Raquel Aparecida Dal Cortivo[3]

Resumo: O presente trabalho de conclusão de curso discute os traços do complexo de Don Juan por meio comportamento do personagem Maurício Vilaça, em meio a uma sociedade patriarcal que se encontra na Província do Grão-Pará, na qual acontecia a revolta da Cabanagem, que serviu de cenário para as aventuras amorosas de Maurício Vilaça. Tendo como embasamento teórico os pressupostos da psicanálise e do conceito do patriarcado, propomos uma análise do personagem na obra **Revolta** de Márcio Souza. Depois do levantamento de algumas ocorrências de Don Juan na literatura e das características do comportamento donjuanismo concluímos que Maurício Vilaça é uma espécie de Don Juan que age de acordo com os valores patriarcais da sociedade da época valendo-se tanto da sua classe social quanto de seus privilégios de gênero.

Palavras-chave: Revolta; Donjuanismo; Patriarcado.

Abstract: The present work of conclusion of course discusses the features of the Don Juan complex through the behavior of the character Maurício Vilaça, in the midst of a patriarchal society that is in the Province of Grão-Pará, in which the Cabanagem revolt took place. scenery for the amorous adventures of Maurício Vilaça. Having as theoretical background the assumptions of psychoanalysis and the concept of patriarchy, we propose an analysis of the character in the work **Revolta** of Márcio Souza. After the survey of some occurrences of Don Juan in the literature and the characteristics of the behavior of Don Juan we conclude that Maurício Vilaça is a species of Don Juan that acts according to the patriarchal values of the society of the time using as much of its social class as of its privileges of gender.

Keywords: Revolt; Donjuanismo; Patriarchate.

INTRODUÇÃO

---

[1] Artigo apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

[2] Acadêmico do curso de Letras IEAA/UFAM.

[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso.

A imagem de Don Juan, apresentada simbolicamente desde os primórdios de 1600, a partir da peça *El burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, estabelece certo modelo de comportamento masculino. Ao longo do tempo, Don Juan se tornou personagem arquetípico, ligado a atitudes de sedução que podem ser interpretadas por diferentes vieses de leitura: numa perspectiva romântica e social, se expressa como a busca de satisfazer os desejos mais íntimos, inclusive os de rebeldia contra o moralismo vigente na sociedade; numa perspectiva psicológica, pode ser compreendido como um complexo descrito (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM) marcado pela compulsão. Noutra perspectiva, que nos interessa nessa abordagem, a feminista e, portanto, desconstrutivista, a figura de Don Juan pode ser problematizada e colocada em questão se consideradas as relações de gênero. Desse modo, este trabalho não só visa as características clássicas do personagem, como aponta outras que não restringem sua figura a uma leitura romantizada. Para tanto, propomos nesse trabalho a leitura da obra **Revolta**, de Márcio Souza, na qual poderemos ver alguns desses traços no personagem principal, que se desenvolve em cenas onde a sedução e o ego andam lado a lado durante a narrativa.

Esta pesquisa torna-se relevante pelo fato que constitui o *corpus* da análise um livro ambientado no contexto amazônico, **Revolta**, de Márcio Souza, que se propõem questionar diversas mazelas de uma sociedade em crise. A obra **Revolta** é o terceiro livro da tetralogia **Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro**. Neste volume, o povo do Grão-Pará decide tomar nas mãos o próprio destino e, em 1835, a população vai em busca de revolucionar a província. É escrito em forma de diário, vai mostrar os acontecimentos que antecederam a morte do governador Lobo de Souza e a vingança dos negros e índios tapuias contra os brancos que os submetiam a escravidão e exploração. Massacres e genocídios prevaleceram nos ataques, violentando e matando as famílias de brancos, ateando fogo em suas casas, saqueando o que podiam, mostrando toda uma voracidade de um povo que permaneceu durantes anos submisso, em situação de humilhação, escravidão e miséria.

Sob esse enfoque histórico da revolta da Cabanagem, Márcio Souza elege um personagem que desloca a narrativa para fatos periféricos que lançam luz sobre certas relações sociais. Assim, o personagem Maurício Vilaça, sobre o qual recai nosso enfoque neste trabalho, não estava diretamente ligado na organização política da província, mas presenciava fatos que permeavam toda a província do Grão-Pará. Entretanto, as atitudes do personagem revelam nos eventos cotidianos, aspectos da opressão contados pelo próprio opressor.

Analisaremos o personagem a partir de suas aventuras amorosas, a fim de rastrearmos traços que nos permitam aproximá-lo da figura de Don Juan e compreendermos as relações de gêneros no contexto colonial que ambienta o enredo. Partiremos de leituras teóricas que nos permitam abordar essas relações contínuas que perpassam durante toda a obra.

Amazonense da cidade de Manaus, Márcio Gonçalves Bentes de Souza nasceu em 4 de março de 1946. Na juventude, atuou como crítico de cinema do jornal denominado **O Trabalhista**, do qual seu pai era sócio. Em 1965, assumiu a coordenação das edições do governo do estado do Amazonas. Posteriormente, mudou-se para São Paulo e onde ingressou no curso de ciências sociais da Universidade de São Paulo (USP). Perseguido pela ditadura militar, interrompeu os estudos em 1969 e começou a vida profissional no cinema, como crítico, roteirista e diretor. Na dramaturgia, escreveu peças como **As folias do látex** e **Tem piranha no pirarucu.**

Iniciou sua carreira como escritor literário em 1976, com a obra **Galvez - Imperador do Acre**. Escreveu diversas obras inseridas no ambiente sociocultural da Amazônia, tais como **Mad Maria, Plácido de Castro contra o Bolivian Syndicate, Zona Franca, meu amor** e **Silvino Santos**: o cineasta do ciclo da borracha, entre outras. Entre 1981 e 1982 publicou em folhetins, no jornal Folha de São Paulo, o romance **A Resistível Ascensão do Boto Tucuxi.**

Atuou como cineasta e ensaísta em **A selva; A expressão amazonense do neolítico à sociedade de consumo**. Mais recentemente, tem-se dedicado a uma tetralogia sobre os anos em que a antiga Província do Grão-Pará viveu a revolta da Cabanagem.[4] Essa série é composta pelos romances históricos **Lealdade, Desordem, Revolta e Derrota.**

1. DON JUAN: LITERATURA, PSICANÁLISE E PATRIARCADO

1.1. História do Don Juan na Literatura

A primeira aparição do Don Juan na literatura dá-se por meio de uma peça teatro, nos anos de 1630, na Espanha, desde então é percebível a presença deste, que se tornou um certo arquétipo quando o assunto é voltado a sedução. A partir disso, não demorou muito para se expressar em outras obras literárias, como em **Don Juan, ou le Festin de Pierre**, de Molière, escrita em 1665, cuja obra apresenta um personagem infiel, sedutor, valente e hipócrita,

[4]http://tvbrasil.ebc.com.br/impressoes-do-brasil/episodio/marcio-souza-um-escritor-que-discute-a-amazonia. Acesso em: abril de 2018.

colecionador de conquistas amorosas, seduzindo moças da nobreza e criadas sempre satisfazendo seus desejos.

Como afirma Jorge de Souza Araújo:

> Coube ao frade mercedário espanhol Gabriel Téllez (1584-1648) — que, com o pseudônimo de Tirso de Molina, completa a trindade do século de ouro no teatro de Espanha (os outros dois são Lope de Vega e Calderón de La Barca) — trazer à luz do eterno debate uma das mais originais e permanentes criações da literatura universal: o Don Juan Tenório. O mito do eterno sedutor foi gerado por Tirso a partir de uma peça trágica, *El burlador de Sevilla y el convidado de piedra*, aí por volta de 1630. Desde então, o mito se consagrou no imaginário coletivo, passando-se a quase todas as literaturas conhecidas no mundo. (2005, p.17).

A partir daí, surgem muitas outras obras que retomam o tema, de autores como José Zorilla, Byron, Balzac entre outros. Assim, Don Juan ora apresenta-se como o sedutor envelhecido, mas insuperável (envolvendo-se em disputas de sedução e tramas de vigança); ora como seduzível pelas mulheres, na versão byroniana; ou ainda atrelando sedução ao desejo de poder (na obra de Balzac).

Na ocorrência talvez mais conhecida, na obra épica **Don Juan**, de Byron (1819-1824), que ficou incompleta, composta por dezesseis cantos, tendo ficado o décimo sétimo inacabado, antes de sua morte, em 1824, Don Juan é um homem facilmente seduzido pelas mulheres, lançado nos braços delas pela força das circunstâncias do destino. O poema inicia-se com a história do verdadeiro amor pela bela filha de um pirata, que o vende depois como escravo para a esposa de um sultão, a fim de satisfazer-lhe os desejos carnais. O Don Juan de Byron é menos sedutor e mais uma vítima dos desejos femininos e de seus infortúnios. O primeiro envolvimento amoroso do Don Juan byroniano foi com Donna Júlia, moça casada, de vinte e três anos, enquanto ele tinha apenas dezesseis. Outros estudos literários vêm se dedicando ao tema do tal sedutor. Assim, com o passar dos anos, surgiram muitas obras voltadas ao tema do donjuanismo, inclusive diferentes adaptações para o cinema.

As diversas versões do personagem em todas as ocorrências citadas e ainda em muitas outras evidencia cada vez mais os aspectos voltados à temática da sedução, da obra de Tirso de Molina, tornando-a conhecida universalmente, mesmo que ora se aproximem, ora se afastem da fonte. O conhecimento gerado a partir das obras seja das transgressões do modelo inicial, seja da continuidade do mesmo, proporciona a compreensão de diversas formas do personagem.

Nesse estudo, pretendemos associar as características desse personagem ao protagonista, como já evidenciamos, da obra **Revolta**, de Márcio Souza.

1.2 As discursões na psicanálise sobre o donjuanismo

O aparecimento assíduo da temática de Don Juan, tema do personagem sedutor, seu repetido sucesso em literatura, e em diversas outras artes, sugere uma certa importância psicológica. Não ficando inerte no decorrer do tempo, foi desenvolvido com rapidez propagando cada vez mais o arquétipo de Don Juan, assim recaiu também na psicanálise, para entender os princípios do donjuanismo.

Desse modo, a psicanálise apropria-se do estereótipo da literatura para explicar certo traço do comportamento humano, cuja principal característica é a compulsão para sedução. O complexo de Don Juan não se caracteriza somente por esta compulsão, mas se faz evidente na personalidade da pessoa uma necessidade de seduzir que não vai além de si mesma, uma vez que, conquistado o alvo do desejo, este deixa de despertar o interesse e é abandonado. Não existe entre o sedutor e a pessoa seduzida uma relação estendida e duradoura, pois uma vez alcançado o objetivo (o sucesso na sedução), parte logo em busca de novas conquistas. Há a utilização de diferentes meios para conquistar, dentre eles a mentira e a simulação, portanto, os sentimentos da outra pessoa não são levados em consideração.

Sobre o modo como é visto esse personagem, Mezan (2005, p. 65) que destaca “o personagem é a própria encarnação do desejo: por onde passa deixa seu rastro numa trajetória marcada por uma espécie de furacão libidinal”. Essas particularidades indicariam a forma que se mantém o seu desenvolvimento na sedução, que de maneira firme e romântica oferece às mulheres todo o seu amor, e quando consegue conquistá-las, desaparece instantaneamente, incapaz de continuar a se relacionar por longo prazo. Assim, procura sua nova donzela a ser conquistada, como se fosse uma necessidade de satisfazer seu próprio ego. Sua lista inacabada de pretendentes está sempre aberta para a próxima aventura. Conforme Jorge de Souza Araújo (p. 94, 2005), “Don Juan busca obsessivamente a completude, saciando-se no outro o que busca em si, num jogo de espelhos em que o Outro, uma vez conquistado (seduzido, burlado, abandonado), perde todo o interesse”. Para Don Juan, é mais importante conquistar a mulher do que realmente o envolvimento romântico que terá com ela.

No mito original de Don Juan, de Tirso de Molina, **"El Burlador de Sevilla**" (1630), sua estória traz sua virilidade e compulsão sexual não controlada, Mezan (2005) destaca que a postura de Don Juan, quando utiliza a sedução para realizar seus desejos com mulheres, é a

forma que ele usa para fazê-las acreditarem que foram realmente amadas, quando de fato ama apenas a si mesmo.

Klein (1996), no texto **Amor, culpa e reparação**, faz algumas considerações sobre o personagem Don Juan em relação à manifestação de sua infidelidade, que em suas diversas formas de apresentação, tem um ponto em comum: "o frequente distanciamento de um objeto amado, proveniente em parte do medo da dependência [...] Don Juan é assolado inconscientemente pelo medo da morte dos objetos amados, e a manifestação desse medo se daria através de sentimentos depressivos e de grandes sofrimentos psíquicos, se não fosse essa defesa contra si próprio: sua infidelidade". Sempre se afasta de suas conquistas por mais intensa que seja a relação. Para corroborar, Klein diz:

> Através desse recurso, ele prova a si mesmo que seu único grande objeto amado (originalmente a mãe, cuja morte era temida porque seu amor por ela era voraz e destrutivo) não é indispensável, pois sempre é possível encontrar outra mulher pela qual tem sentimentos ardentes, porém superficiais. Ao contrário dos indivíduos cujo pavor da morte da pessoa amada leva à sua rejeição ou à negação do amor, ele não consegue fazer isso, por vários motivos. Na sua relação com as mulheres, entretanto, chega inconscientemente a um meio-termo. Ao abandonar e rejeitar algumas mulheres, ele se afasta inconscientemente da mãe, salvando-a de seus desejos ameaçadores e se libertando de uma dependência dolorosa. Ao mesmo tempo, ao procurar outras mulheres, dando-lhes amor e prazer, mantém em seu inconsciente a mãe amada, ou a recria (1996, p. 364).

Por isso Don Juan segue de um objeto para outro, ou seja, cada mulher com quem se relaciona acaba recriando o papel de sua mãe, que acaba se fazendo em inúmeros objetos de conquista, assim, a representatividade de sua mãe está sempre consigo de forma consciente, para essa representação não ficar inerte, a infidelidade e não continuação de seus casos se fazem presentes em todas as suas relações. Embora válida e interessante a elucidação da causa da compulsão por sedução identificada pela psicanálise, não é este o foco de nossa abordagem. A origem psíquica desse comportamento, não nos interessa no âmbito desse trabalho, mas a descrição dos seus traços característicos é fundamental para estabelecer analogias entre o comportamento do Maurício Vilaça e do que se convencionou chamar de donjuanismo.

Na abordagem proposta, entendemos que o comportamento do personagem pode ser explicado mais por fatores sociais e menos por elementos psíquicos, razão pela qual associamos o tema do donjuanismo a um modelo de organização social: o patriarcalismo.

1.3 PATRIACARLISMO: ASPECTOS EM MAURÍCIO VILAÇA E SOCIEDADE

Embora a constituição familiar seja histórica, um modelo de organização familiar e social tornou-se base para diversas formas de relações, o patriarcalismo. Compreende-se que a família patriarcal é aquela que se estrutura em torno da figura do pai, o patriarca, que mantém sob seu jugo a mulher e os filhos (SAFFIOTI, 2004). Dessa forma, estabelece-se uma hierarquia a partir do poder masculino exercido pelo pai que acaba por se estender para as demais relações sociais e designar lugares de prestígio para o homem e lugares de subalternidade para a mulher.

Nessa perspectiva, Maria do Perpétuo Socorro Leite Barreto define:

> O patriarcalismo pode ser definido como uma estrutura sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. É caracterizado por uma autoridade imposta institucionalmente, do homem sobre mulheres e filhos no ambiente familiar, permeando toda organização da sociedade, da produção e do consumo, da política, à legislação e à cultura. Nesse sentido, o patriarcado funda a estrutura da sociedade e recebe reforço institucional, nesse contexto, relacionamentos interpessoais e personalidade, são marcados pela dominação e violência. (2004, p. 64)

Assim, a sociedade que convive com um sistema patriarcal é refém de uma soberania masculina, onde o homem tem um papel de autoridade mediante a mulher, já que o patriarcalismo concebe o poder de decisão e direitos ao homem, não se torna mandante só dentro de sua casa, mas também exerce poder em cima dos menos favorecidos que se oprimem pelo poder, além das mulheres e crianças também serem submissos, até os religiosos eram subjugados pela dominação masculina.

Como afirma, Roosenberg Rodrigues Alves:

> Percebe-se, então, que a família patriarcal era o mundo do homem por excelência. Crianças e mulheres não passavam de seres insignificantes e amedrontados, cuja maior aspiração eram as boas graças do patriarca. A situação de mando masculino era de tal natureza que os varões não reconheciam sequer a autoridade religiosa dos padres. Assistiam à missa, sem a menor manifestação daquela humildade cristã do crente (própria, aliás, das mulheres), assumindo sempre ares de proprietário da capela, protetor da religião, bom contribuinte da Igreja. Jamais um orgulhoso varão se dignaria a beijar as mãos de um clérigo. Não que o contrário não acontecesse, porém, se assim o fosse, seria exceção, diferentemente das esposas e filhas. (ALVES, 2009, p 05)

Nesse universo masculino, os homens em geral dispunham de infinitas regalias, pois as mulheres eram concebidas como objetos de satisfação masculina e, consequentemente, julgadas como inferiores. Considerando-se as relações interpessoais, é possível identificar no

comportamento masculino uma moral sexual ambígua que permite ao homem uma liberdade que o autoriza a sedução das mulheres sucessivamente, sem a obrigatoriedade de ligar-se afetivamente a suas conquistas. Tal percepção nos permite situar a personagem de Don Juan como um estereótipo da sociedade patriarcal, ou mesmo como um modelo de certo padrão de comportamento desejável desta sociedade, para qual a masculinidade se inscreve no polo da positividade, da ação e racionalidade.

Por outro lado, a figura de Don Juan pode ser compreendida, também, como uma subversão ou ameaça da ordem patriarcal[5] pela ótica masculina, uma vez que ameaça a honra do patriarca pela iminência da sedução da mulher e das filhas, pois, conforme explica Saffioti: "um dos elementos nucleares do *patriarcalismo* reside exatamente no controle da sexualidade feminina, a fim de assegurar a fidelidade da esposa ao seu marido" (2004, p. 49). Entretanto, se considerada a situação da mulher, Don Juan reforça a lógica da dominação masculina, pois a mulher ainda ocupa um lugar de objeto e de passividade em relação ao desejo do outro, tendo, inclusive de ratificar o discurso da vítima para eximir-se da culpa da relação considerada socialmente inadequada.

Sobre a discussão sexual e os favorecimentos do homem em detrimento da mulher na sociedade, Pateman (1993), citado por Saffioti, afirma:

> A dominação masculina dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formulação do pacto original. O contrato social é uma história de liberdade; o contrato sexual é uma história de sujeição. O contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sua sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal. Os filhos subvertem o regime paterno não apenas para conquistar sua liberdade, mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto um contrato sexual quanto social: é social no sentido patriarcal – isto é, o contrato cria o direito político dos homens ao corpo das mulheres. O contrato original cria o que chamarei, seguindo Adrienne Rich, de 'lei do direito sexual masculino'. O contrato está longe de se contrapor ao patriarcado: ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno. (PATTERMAM apud SAFFIOTI, 2004 p. 53-54).

Nesta vertente, há uma espécie de contrato entre os homens, onde a mulher é símbolo de realização dos desejos masculinos, o que favorece integralmente o poder sobre o sexo

[5] Conforme tese de Margarida Losa, **Don Juan**: ameaça do patriarcado. Disponível em:<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/2015/2/mlosacoloquio2000084328.pdf>. Acesso em: 12.jun.2018.

feminino. O patriarcado tem uma relação direta com a política dos homens e também esses contratos estão diretamente ligados ao patriarcalismo, pois é por meio deles que ainda se torna presente na sociedade atual.

Para alcançar o seu objeto de satisfação, o homem torna-se uma espécie de caçador em busca de sua presa, que não deixa de ser uma metáfora bem situada, age da mesma forma que um predador quando busca sua caça. Como afirma Saffioti:

> Quer quando o homem desfruta de uma posição de poder no mundo do trabalho em relação a mulher, quer quando ocupa a posição de marido, companheiro, namorado, cabe-lhe, segundo a ideologia dominante, a função de caçador. Deve perseguir o objeto de seu desejo, da mesma forma que o caçador persegue o animal que deseja matar. Para o poderoso macho importa, em primeiro lugar, seu próprio desejo. Comporta-se, pois, como sujeito desejante em busca de sua presa. Esta é o objeto de seu desejo. Para o macho não importa que a mulher objeto de seu desejo não seja sujeito desejante. Basta que ela consinta em ser usada enquanto objeto (1987, p.18)

Todas essas atribuições de patriarcalismo e seus respectivos poderes, fornecidos pela figura masculina, nos fazem refletir que esses mesmos poderes refletiam na conduta de Don Juan. Tais atribuições a seu ser facilitariam seus envolvimentos com as mulheres, por ser respaldado dentro da sociedade patriarcal. De modo que suas atitudes como sedutor poderiam ser visualizadas como regalias de homens que julgavam ter direitos sobre as mulheres.

Interessa-nos, portanto, identificar esses traços de comportamento retratados na personagem Maurício Vilaça, no romance **Revolta**, de Márcio Souza, de maneira a evidenciar como o patriarcalismo se cruza com o comportamento donjuanesco desse personagem.

2. MAURÍCIO VILAÇA: UM OLHAR POR DENTRO DA REVOLTA)

Os relatos que compõem a narrativa de **Revolta** apresentam as características que os constituem como como o diário de Maurício Vilaça. Trata-se, portanto, de uma narrativa autobiográfica, pois relata partes de sua vida. Além disso, outras características do gênero textual do diário estão presentes: pode-se destacar a sua linguagem sendo informal, possui um sistema de datas, cumprindo à escrita sempre no dia ocorrido, o próprio escritor é o seu principal leitor, pois é uma escrita pessoal e íntima. Sendo usado geralmente como fonte de recordações, sejam elas anotações simples ou lembranças de um dia importante. Como se comprova na seguinte passagem: “Entre suas coisas, encontrei este caderno. Não tive coragem de violar sua intimidade, embora a curiosidade de mãe fosse enorme. Um dia, talvez encontre coragem para

ler estas páginas" (SOUZA. 2005). Essa passagem se refere a uma nota inserida na página 301, assinada pela mãe de Maurício, Amélia Vilaça.

Como vemos, a própria mãe do personagem trata esses escritos como algo confidencial. Vilaça relata os acontecimentos em sua vida durante seis meses, que vai desde 01 de janeiro a 17 de janeiro, frente à uma guerra na Província do Grão-Pará, que mais tarde tornar-se-ia conhecida como revolta da Cabanagem.

Escrever um diário era um propósito de anos atrás que nunca conseguia realizar, e o pedido da senhorita Ramona de relatar o que se passava naquele lugar, pois a situação que se encontrava era comentada por toda a América, foi um reforço a mais para começar a escrever: "Já que minha cidade estava em guerra e as notícias que chegavam aos Estados Unidos eram pavorosas, a senhorita Ramona dizia-me que queria entender o que se passava naquela parte desgraçada da América e suplicava-me que fizesse o favor de dar tais explicações" (SOUZA, 2005, p. 20-21). A partir desse pedido, nosso aventureiro decide escrever por meio de um diário, não que fosse diretamente para Ramona, mas sim para descrever suas próprias aventuras que vivia durante a revolta:

> Abri o caderno e folheei suas páginas, contemplei-as durante horas, o branco do papel a dar-me vertigens, a abrir-se como a bocarra de um monstro que me devorava as ideias, paralisando meus dedos. Não consegui escrever nada, nenhuma palavra, nenhuma linha, mas eu sabia que um dia o monstro se cansaria, porque ele tem muito de mim, muito da minha indolência, da minha inconstância. E esse diário acabaria sendo escrito (SOUZA, 2005, p. 21).

Ao passar dos dias, a vontade de escrever que parecia não surgir, vai tomando formas em seu diário, de acordo com o que vivenciava na província, tentando descrever da melhor forma os acontecimentos que presenciava e também participava, que apresentaremos sucintamente no próximo item.

2.1 ENREDO

O enredo de **Revolta** é desenvolvido por meio das datas em que Maurício Vilaça escrevia em seu diário os fatos que vivia durante a revolta da Cabanagem. Embora se trate de um evento histórico, há na obra todo um processo de ficcionalização. Nesse sentido, cabe ressaltar que o enredo é o conjunto ações e acontecimentos de uma história, também conhecido por outros nomes: história, ação, entre outros. Há duas características do enredo que se diferem:

estrutura e verossimilhança. Os fatos narrados no seu decorrer não precisam ser necessariamente verdadeiros, e sim que haja verossimilhança em seus aspectos, ou seja, "o leitor deve acreditar no que lê" (GANCHO, 2003, p. 10). Assim, verifica-se a presença da verossimilhança por meio da análise do enredo, que desencadeia os fatos, gerando as consequências das ações.

A exposição "coincide geralmente com o começo da história, no qual são apresentados os fatos inicias, os personagens, às vezes o tempo e o espaço. Enfim, é a parte na qual se situa o leitor diante da história que irá ler" (GANCHO, 2003, p. 11). **Revolta,** inicia no dia 1 de janeiro de 1835, quando Maurício Vilaça é informado de que seu padrinho, o coronel Fernando Simões Correia havia sido assassinado em uma emboscada, e assim sendo o herdeiro da herança. Maurício parte então para Belém, contra a vontade de seus pais, pois a província do Grão-Pará estava em uma revolução. Maurício desembarca em Belém, alguns dias depois a cidade entre em guerra, os negros e índios tomam conta da Província, e assassinam o governador Lobo Souza. Os acontecimentos vão sendo escritos em seu diário até o dia 17 de junho de 1835. Assassinatos, roubos e crueldade se tornam evidentes a partir das descrições. Durante este intervalo de tempo Maurício passa por diversas situações perigosas, e também de prazer com as mulheres que residiam naquele lugar.

Na perspectiva que adotamos nessa pesquisa, poderíamos indicar como os elementos de conflito (ou nós, ou complicação[6]) os diferentes relatos das aventuras amorosas do personagem. Entretanto, devemos destacar, como se poderá apreender nas passagens adiante que estes não chegam a se constituir como momentos de tensão.

Diante de todos os seus envolvimentos amorosos, Maurício não consegue ficar com a mulher que ele mais desejava, a Joaninha, e se torna um romântico e apaixonado por ela, enquanto as outras mulheres com quem se envolveu não passaram de aventuras.

Considerando que "o clíma*x* é o momento culminante da história, isto quer dizer que é o momento de maior tensão, no qual o conflito chega a seu ponto" (GANCHO, 2003, p. 11)

Na narrativa não é possível identificar um só clímax, pois há vários momentos de tensões. Por outro lado, também possamos destacar o fato de que é um diário, o narrador costumava a contar os fatos corriqueiros que se passava em sua vida e na província.

E o desfecho "é a solução dos conflitos, boa ou má, vale dizer configurando-se num final feliz ou não. " (GANCHO, 2003, p.11). Maurício acaba ficando sozinho, sem a mulher por quem dizia ser apaixonado. A última página do diário de Maurício é datada no dia 17 de

[6] "A complicação é a parte do enredo na qual se desenvolve o conflito (ou os conflitos - na verdade pode haver mais de um conflito numa narrativa" (GANCHO, 2003, p. 11).

junho, nela ele confessa o amor que sentia por Joaninha. De acordo com a mãe de Maurício, ele é morto em uma briga no bairro de Cacoalinho, pela tentativa de raptar uma moça. Portanto, esse desfecho parece comprovar a identificação que fizemos dos conflitos da narrativa com os envolvimentos sexuais de Maurício, uma vez que em uma dessas relações acaba sendo assassinado, assim terminando com um fim trágico.

2.2. NARRADOR E PERSONAGENS

Revolta é narrada em primeira pessoa, o narrador é o personagem protagonista, Maurício Vilaça, no qual relata os acontecimentos durante a guerra na Província do Grão-Pará, por meio de um diário, como se pode perceber no excerto:

> [...] acordei com gente batendo na porta de casa. Batiam com muita força e dei um pulo da cama, assustado, pensando que estavam tentando pôr a porta abaixo. Do jeito que as coisas estão, ninguém dorme realmente tranquilo nesta cidade (SOUZA, 2005, p.23).

O enredo dessa narrativa desencadeia-se na própria Província do Grão-Pará, que está em guerra com um povo que cansou de ser submetido a escravidão e exploração, luta de forma voraz matando, saqueando e destruindo tudo que pertence àqueles que se diziam poderosos na cidade, os políticos que não governavam com democracia, foram assassinados, essas situações podemos observar abaixo:

> –Calma, calma. Não estou a perceber o que estás dizendo – reclamei. Ele deu um fundo suspiro e me encarou, lívido.
> – Começou... O povo se levantou. Não tínhamos organizado nada, juro que não tínhamos planejado nada. Simplesmente, o povo perdeu a paciência...
> – Perdeu a paciência?
> –Sim. Invadiram o Palácio do governo. Pegaram o Lobo de Sousa...
> – Foi deposto? Está preso?
> – Está morto. Vem comigo...
> E puxou-me pela manga da camisa.
> Fomos caminhando em direção ao Palácio do governo. As ruas estavam tomadas pela multidão revoltada, e alguns focos de incêndio lançavam fumaça negra para o céu nublado. (SOUZA, 2005, p.24)

O narrador relata as suas próprias experiências como protagonista dos acontecimentos que se passam em toda a história que está narrando, assim estamos de frente com o que pode ser chamado de narrador autodiegético. Conforme Carlos Reis, “a entidade responsável por uma

situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central da história" (REIS, 1996, p. 257). Assim, o narrador descreve as situações que permeiam ao seu redor como personagem central da história.

Maurício Vilaça era filho único e tinha todos os caprichos que desejava realizados por seus pais. Embarca em uma viagem a cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, depois de saber que era proprietário de uma valiosa herança deixada por seu padrinho, assassinado numa emboscada, mesmo com os avisos do chefe da firma em que trabalhava meio período e contra a vontade de seus pais:

> Eu entendia as preocupações de mister Pratchett, compreendia os temores de meus pais, mas não podia ficar, precisava regressar. Como continuar em Baltimore, com a notificação que acabara de receber? Uma carta assinada por um notário de Belém, comunicando que meu padrinho, o coronel Fernando Simões Correia, morto numa emboscada, legara-me alguns móveis, terras e depósitos bancários. Uma herança de aproximadamente 75 mil libras esterlinas [...] de uma hora para outra a fortuna me sorria, e com magnanimidade. Eu era um homem rico. (SOUZA, 2005, p.18)

Nesta cidade, Vilaça irá se deparar com formas de violência inimagináveis cometidas pelos índios e negros, que foram explorados por muito tempo e agora tomam conta da cidade, porém se envolverá em muitos casos amorosos com as mulheres que ali residiam, desfrutando todos os seus desejos.

Orbitam em torno desse narrador diversos personagens que fazem parte da família e do ciclo de amizades de Maurício Vilaça ou estão diretamente ligados a revolta na província, destacando, aqui, as mulheres que seriam seus casos amorosos.

Nesse viés, os personagens que vão surgindo dia após dia, anotados em seu diário, vão povoando a narrativa de forma construtiva para o entendimento de toda essa revolta em sua dimensão histórica e humana, pois, apesar do fundo histórico, há um processo de invenção que recai sobre os personagens.

Os personagens, para Gancho (2003), são os seres fictícios que desenvolvem a ação na narrativa e são responsáveis pelo desempenho do enredo. Tal aspecto técnico destaca que o personagem é um ser "que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala" (GANCHO, 2003, p. 14). Alguns personagens do livro **Revolta** tocam tanto a ficção quanto a história, se considerados os fatos da revolta da Cabanagem, entretanto, serão abordados sob a perspectiva de Benjamin Abdala Junior (1995) a personagem é um ser de papel, construído através de palavras e recebe um sistema de predicação, podendo ocorrer de maneira direta ou indireta, de acordo com seu modo de pensar e agir.

Os personagens possuem classificações, que dependendo do papel que desempenham na narrativa, poderão ser protagonistas, antagonistas ou secundários. O personagem protagonista é aquele que as ações ocorrem em seu redor. Pode ser herói, possuindo "características superiores às de seu grupo" (GANCHO, 1991, p. 14) ou anti-herói, possuindo "características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói [...]" (GANCHO, 1991, p. 14).

Assim, a construção do universo narrativo vai dando a percepção do desenvolvimento da situação que se encontra a cidade, a partir do olhar do narrador-personagem Maurício Vilaça em suas aventuras amorosas, que acabam por evidenciar relações de poder e características de anti-herói do próprio Maurício que assume lugar de destaque por ter sido eleito para narrar a história. Essa opção do autor ressalta ainda mais o caráter inventivo pois, "por mais que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais (1997, p.14).

No caso de **Revolta**, que foi concebido como um diário, entra em coerência com o pensamento de Gancho por apresentar um narrador-personagem que vivencia de fato momentos reais, porém, a obra também apresenta fatos não reais que podem ser imediatamente identificados, como por exemplo, a fabricação de homúnculos por Herr Franz:

> Um dos conhecidos que consultei sobre tais sessões veio com uma conversa de que se tratava de uma organização satânica, que se reunia em noite de lua cheia e fazia sacrifícios humanos. Outro jurou que um tio participava das sessões e revelara que o grupo se dedicava a criar homúnculos em garrafas.
> - Está maluco? – retruquei. Homúnculos? Em garrafas? Mergulhados em cana, é claro! [...] meu tio disse que há uma mulher de meio metro de altura, perfeitamente formada, dois homens, sendo um corcunda, e duas figuras não humanas, uma azul e outra verde, que parecem lagartos [...] E nos defrontamos com a coleção de garrafas que ali estava, não exatamente contendo homúnculos, mas repleta de fetos humanos. (SOUZA, 2005, p. 58-72)

Com a proximidade dos personagens na narrativa que vai surgindo, percebe-se que o narrador está contando histórias corriqueiras, como essa que podemos ouvir em qualquer lugar, ou seja, que se assemelha com lendas ou crendices, não dando somente importância os fatos históricos da revolta que os cerca, mas possibilita a presença de aspectos que podem chamar a atenção por serem completamente fictícios.

Há inúmeros personagens que compõem a narrativa, mas são considerados secundários e planos tanto pela posição que ocupam na narrativa quanto pela densidade psicológica que apresentam. Eles não possuem complexidade psicológica, são limitados e não têm profundos

dramas de consciência. Dentre esses personagens, elencamos principalmente as mulheres que se relacionam com Maurício Vilaça.

3. MAURÍCIO VILAÇA E SUAS AVENTURAS AMOROSAS

Em **Revolta**, as mulheres eram facilmente conduzidas a realizações sexuais dos homens, neste caso, Maurício Vilaça, às vezes em troca de favores, dinheiro ou até mesmo comida, já que que o estado em que se encontrava a província era de extrema miséria e pobreza, aproveitava-se para satisfazer seus instintos sexuais. Como aconteceu com Margarida, quando Vilaça decidiu fugir um pouco dos conflitos que estavam acontecendo na cidade e partir para se aventurar nas companhias femininas:

> Daí que eu resolvi fugir, deixar para trás essa triste realidade, e com umas companhias femininas para mudar o foco da vida. Assim passei na casa de margarida, que é uma moça de Santarém, e a convidei para ir à Ilha Grande de Johanes, onde um amigo meu tem uma fazenda. Aliás, foi esse amigo que me apresentou Margarida, que estava procurando emprego e achou que eu pudesse arranjar algo para ela na minha loja. Pena que Margarida é muito despreparada e não sirva para balconista. Margarida só serve para um propósito, e nisso ela é mestra. [...] passamos a noite nos amando, acordamos para o pequeno almoço e logo a seguir mais amor, almoçamos e tome amor e mais um serão de puro amor" (SOUZA, 2005, p. 39 – 40).

Depois de ceder as suas necessidades sexuais, Maurício não vê mais a mulher como objeto sexual, já que seus prazeres foram realizados, e a forma de como a enxergava antes de se relacionar, desaparece:

> Um oco na boca do estômago e vontade de sair correndo, de desaparecer para sempre. Tive raiva e frustração. Era sempre assim, o sexo só existe no presente, enquanto dura o desejo e a excitação nos ilude com a promessa do gozo, que depois se revela rápido e pífio" (SOUZA, 2005, p.51).

Essa passagem aponta para a volubilidade do personagem e sua inconstância nas relações. Assim confirmando, a mudança repentina de relações amorosos, como Don Juan. Logo após ter se relacionado com Margarida, já sente atração pela irmã dela na primeira vez que a ver, uma tapuia mais jovem, recém entrado na adolescência, Maurício a descreve com um desejo explícito e voraz, e também sem pudor:

> E lá estava a irmãzinha, estirada na rede, o camisão de algodão fino levantado quase até a cintura. Era um mulherão, muito mais provocante que Margarida, pois conseguiria se desvencilhar completamente de qualquer pudor. Os cabelos pretos se espalhavam sobre o branco meio encardido da rede que cheirava a fêmea, a urina e suor. [...] era uma égua, moreníssima, a boca se contraindo numa expressão adorável de dúvida, os lábios molhados de saliva como orvalho sobre as folhas de orisa. Era uma boca perfeita, capaz de fazer milagres, o que me fez sentir arrepios só de imaginar. A menina pulou da rede e a camisola cobriu-lhe as coxas fartas como uma cortina de teatro que cai fora de hora. (SOUZA, 2005, p. 40)

Esses tipos de descrições de suas ambições são recorrentes durante toda a narrativa, utilizando uma forma metafórica para traduzir o desejo numa espécie de "poesia", cujo o foco era a beleza objetificada das mulheres, mas sempre com um único propósito, seduzi-las e sessar seu desejo temporário por elas. Essas duas irmãs não passavam de diversão, somente serviam para ele como objetos sexuais. A intensidade do desejo é expressa da seguinte forma: "as duas não passavam de umas boas putas, e me arrancariam dinheiro, comida e proteção" (SOUZA, 2005, p.44).

Outro momento que Maurício se aproveita de sua posição social para consumar seus desejos, ou seja ter suas realizações sexuais, é quando conheceu Matilde. Uma moça pobre que morava em uma casa velha, seu pai estava muito doente e seu noivo estava preso, estava completamente desesperada, pois até a comida já não tinha em sua despensa. Ao conversar com Maurício e explicar-lhe toda sua situação chega a chorar falando sobre suas necessidades, e ele se vê no papel de ajudar a pobre moça. A princípio sem nada em troca, porém, a mulher se excede em trocar carícias de agradecimento com ele, que não se importa mais com a situação, pois por dentro estava louco para consumir aquela pobre mulher:

> Por favor, Matilde – pedi, tentando me livrar de suas carícias, mas ao mesmo tempo desejando continuar, pois a minha conquista se transformara numa farsa, a minha galanteia produzira mais uma vez uma resposta mercenária [...] deitou-se no chão e fizemos amor ligeiro ali mesmo (SOUZA, 2005, p.82)

Com a pobreza e miséria tomando conta da província, era comum pais negociaram suas filhas por troca de dinheiro, ou porque não queriam trabalhar e usavam suas filhas para se sustentarem:

> – Essas meninas chegaram ontem aqui – disse Sebastião. – Encontrei as duas perambulando com o pai na Rua de Todos os Santos. Estavam sem comer há uns três dias, coitadas. Almoçamos na banca do preto Nicácio, aquela ali da Rua da Ajuda, e depois elas deitaram comigo, cada uma na sua vez, no fundo de uma catraia no trapiche do Mercado. O pai delas se aborreceu comigo

> porque as garotas eram bem novas e tinham ficado com a roupa toda molhada, pois a catraia estava meio alagada. (SOUZA, 2005, p.92)

Maurício também participou deste envolvimento com as jovens tapuias ao ser convidado por seu amigo Sebastião, regados a bebida e ao som de viola, deitados no chão de seu quarto. Mas não saiu como o planejado, uma das meninas estava menstruada, logo quando perceberam a expulsaram da casa, a segunda não fez sexo como ele queria e a terceira não cedeu facilmente, até que Maurício tem uma crise de fúria e expulsa todas elas de sua casa.:

> – Ih! Ela sujou o tapete - apontou Sebastião.
> – Eu não sabia que ela estava menstruada. [...].
> – Sabe de uma coisa, Sabá?
> – O quê?
> – Essas tapuias são umas merdas
> – É, eu também acho.
> Empurrei a menina com os pés e virei para o lado.
> – Agora já chega, Sabá. Leva essas meninas embora [...] ele foi saindo empurrando as tapuias, a cabeça balançando em sinal de reprovação.
> (SOUZA, 2005, p. 95 -96)

Esse comportamento agressivo, dá-se pela insatisfação de seu ego perante as realizações de seus desejos, as relações tinham que ser conforme o seu gosto, logo, contrariado, apresenta um ataque de fúria, que o faz perder todo desejo que sentia. Como diz Saffioti, “Qualquer que seja a razão do rompimento da relação, quando a iniciativa é da mulher, isto constitui uma afronta para ele. Na condição de macho dominador, não pode admitir tal ocorrência, podendo chegar a extremos de crueldade” (2004, p. 62). A interrupção de sua satisfação nesta cena, remete ao fato de não poder manusear o corpo feminino das tapuias como queria, como dominante, não aceitava isso facilmente.

O desejo e a atração não eram unilaterais, as mulheres também sentiam atração e desejos por ele, como se pode perceber no excerto que segue:

> Quem te escreve é uma amiga secreta – a carta assim começava. – Não pretendo revelar meu nome antes que possas me dar uma demonstração de tua amizade, e de tua descrição. Sou um a mulher casada e infeliz, mas que aspira à felicidade. Hoje à noite, toma um escaler e vai a bordo da escuna Muiraquitã, que está fundeada na barra. Uma vez a bordo, espero abrir-te as portas do paraíso (SOUZA, 2005, p. 115).

O caráter enigmático do convite desperta no narrador-personagem a curiosidade e o desejo. Maurício fica a pensar quem seria essa mulher casada e infeliz, mas ao mesmo tempo fica excitado para conhecê-la, se fazendo mil perguntas; passa o dia pensando nisso, até que chega a noite e ele vai ao encontro dela, quando chega à escuna, encontra a mulher que tirou

seus pensamentos o dia todo, ele a reconheceu imediatamente: “Era a esposa do comandante Wanderkok. [...] Madame Wanderkok, era uma mulher vulgar, que se vestia com mau gosto e de forma extravagante, mas que se achava um paradigma de elegância na bárbara capital do Grão-Pará” (SOUZA, 2005, p. 122). Aqui podemos evidenciar que sua linguagem muda quando não se sente atraído pela mulher, utiliza formas totalmente diferentes que usava para descrever a beleza feminina.

Maurício não sente tanta atração por ela, sente que deve ir embora, não ficou à vontade perante a madame, talvez pela falta de atrativo que ela apresentava. Ela se sentia rejeitada pelo desconforto que ele apresentava e pela recusa de suas investidas. Porém, ele sente-se culpado por ver aquela mulher chorando e passa a consolá-la com carícias em seu corpo, até que então surge um desejo repentino:

> Levei-a para a cama e ali deitamos sem sofreguidão, onde ficamos nos acariciando. Passei minhas mãos e senti que sua pele era jovem, macia e perfumada, o que me despertou, formando um volume que se insinuou entre nós. Madame Wanderkok saudou aquela intrusão com um gemido de boas-vindas, quando meus dedos alcançaram o seu umedecido sulco [...] eu me limitava a acariciar seus cabelos, concentrando-me para tirar o máximo de prazer daquela mulher experiente. (SOUZA, 2005, p. 124).

Mesmo que a princípio não corresponda às investidas da mulher, ele acaba por corresponder aos seus desejos e satisfazer as duas partes. Os dois queriam o mesmo propósito, satisfação de suas vontades.

Andando pela cidade em guerra e com medo de ser atacado, Maurício acaba parando em frente à Sede das Amazonas, onde sabia que Terezinha estava lá sozinha e pede para entrar alegando que estava com medos de ser morto, mesmo sendo proibido a presença masculina naquele ambiente, Terezinha cede ao pedido. Retomando sua linguagem de conquista, descreve-a como uma mulher extremamente atraente, apesar do modo como foi criada, mas também criticava sua maneira de pensar:

> Era uma carola, uma sonsa que acreditava piamente que todo prazer era pecado, especialmente os prazeres da carne. Por isso mesmo ela me atraía, estimulava a minha crueldade, o meu desejo de chocar, de derrubar as barreiras morais que ela construíra em torno de si. Filha de portugueses do Alentejo, tinha olhos castanhos, corpo esbelto, pernas grossas e seios fartos, que ela escondia ciosamente com vestidos negros, longos e fechados, num eterno luto. (SOUZA, 2005, p. 140).

A religiosidade e o pudor de Terezinha tornavam o desejo de Maurício ainda mais forte, justamente por ser um desafio a ser conquistado.

Tomando as duas experiências em contraponto – de Madame Wanderkok e Terezinha – percebe-se que o que move o personagem é o desafio da conquista, evidencia-se, assim, mais um traço que o aproxima do Don Juan. Note-se que, mesmo sabendo o modo como foi criada Terezinha, ele não controla seus pensamentos que insistiam em provocar o desejo que sente por ela. Porém, ela não cedeu as suas investidas e foi reclamar dos assédios com a mãe de Maurício, que era a líder da Sede das Amazonas que o repreendeu, auxiliada por Simone, madrinha de Maurício, que o consideraram irresponsável e devasso, mas ele não se importou tanto pois sabia que fazia jus a tais termos.

Ele não sentia que agia diferente dos outros homens que se encontravam na Província, comparava-se a seu padrinho coronel Fernando, que não podia ver mulher e já ia para cima, ou ao cônego Batista Campos, que vivia cercado por mulheres. Fica evidente que tais homens desfrutavam de seu poder perante uma sociedade em ruínas por conta da guerra, assim reflete os impactos da dominação masculina. Além disso, percebe-se que tal comportamento parece ser estruturador das relações sociais e é utilizado como certa justificativa das atitudes do personagem:

> O que posso fazer? Devasso? Não sei se sou diferente dos outros homens desta terra. Como meu padrinho, o coronel Fernando. Diz a lenda que ele não podia ver saia, e, desde que não fosse sotaina, não dispensava. Outro, e talvez mais famoso, era o cônego Batista Campos. Vivia cercado pelo mulherio. E ninguém me contou, não. Eu era criança, não entendia certas coisas, mas não foram poucas vezes que testemunhei o cônego a desfrutar seu esporte preferido, que muitos fingem crer que era a política (SOUZA, 2005, p. 143).

Embora cite apenas dois exemplos, há um tom de generalização que perpassa a fala do narrador-personagem e alude a um comportamento sexual corriqueiro: “outros homens desta terra”.

Dada a dificuldade da conquista de Terezinha, acentuada pela proteção que a mulher tinha da mãe e da madrinha de Maurício, o rapaz utiliza outros subterfúgios para conquistá-la. Passado um tempo, Maurício vai procurar Terezinha para pedir desculpas pelos assédios e ela o perdoa. Ele a convida para viajar até Barcarena por uns dias. Então, se torna mais confiante para prosseguir com sua conquista, pois ela já era um pouco flexível com as carícias dele. Bebiam e se divertiam, Terezinha parecia feliz por sair daquela rotina:

> A viagem longa durou quase todo o dia, mas Terezinha nem parecia a mesma mulher. Retirara o luto fechado e usava um vestido leve de tons verdes, não muito na moda e bastante modesto que lhe deixava os ombros nus. Não era mulher de falar muito, mas parecia contente, de alma leve, a observar o rio e

> a saborear a aragem que afagava seu rosto e lhe lambia os cabelos negros (SOUZA, 2005, p. 150).

A descrição acima sugere que um relacionamento afetivo começava a se desenhar, entretanto, tal percepção parece limitar-se aos sentimentos da mulher que aos poucos se deixa seduzir por Maurício, acreditando no pedido de desculpas: "[...] muito sozinha, [...] dessa vez não vestiu a carapaça de viúva convicta e não resistiu aos meus apelos e juras de amor. Pediu-me desculpas por ter se queixado à minha mãe, e pelos desconfortos gerados [...]" (SOUZA, 2005, p. 149).

Para ele, contudo, há a excitação da conquista de ver sendo derrubadas uma a uma as barreiras que o separavam de seu objetivo final:

> Embora evitasse um contato mais íntimo, não permitindo abraços, beijos, mesmo um leve ósculo na face, Terezinha defendia-se com graça, pois sabia que mais cedo ou mais tarde as fronteiras do pudor se desvaneceriam, e ela então não se importaria. Notei que esta ideia a excitava muito e, cada vez que lhe vinham à mente esses pensamentos, um rubor lhe coloria a expressão e seus olhos se dilatavam de antecipação. (SOUZA, 2005, p. 150).

De fato, as expectativas de Maurício se confirmam e "a crueldade e o desejo de chocar" o pudor de Terezinha ganham espaço para se realizarem:

> Corri a vista pelo terreiro e notei dois jovens negros sentados no chão, a observar Terezinha. Um deles era forte, os olhos amarelos como os de um felino, e outro mais jovem, de rosto comprido e cômico, especialmente pela maneira como arregalava os olhos [...] fui até os dois rapazes e os convidei a nos acompanharem ao engenho. Eles se entreolharam, sem saber o que dizer. Prometi que seriam recompensados, e mesmo assim eles não se decidiram. [...]. Ocorreu-me, então, ideia de oferecer roupas, calçados e enfeites, coisas que essa gente adorava. O truque deu certo e eles se levantaram, prontos a nos seguir. [...]. Por volta da dez da noite resolvi voltar ao engenho. Ela vinha ao meu lado, trêmula e ansiosa, agarrando a minha mão com força. Logo que entramos no quarto, dei-lhe um beijo bem longo. [...] – Teria coragem de meter com aquele negro? – Por favor, não me pergunta – ela suplicou. Tiramos a roupa e fomos para a cama. Fui até a cozinha e fiz sinal para que um dos negros viesse comigo. Sem hesitar, ele entrou no quarto e pôs-se a observar Terezinha, que estava nua na cama, de olhos fechados amarelados, de onça suçuarana. [...] O negro se levantou e retirou-se, deixando a viúva estirada na cama, de olhos fechados. Fiquei sentado a contemplar aquele corpo lindamente suado, saciado, com a ratinha aberta a escorrer esperma. Chamei o outro negro e recomeçamos. Adormecemos com o sol a raiar. (SOUZA, 2005, p. 154 – 155).

Percebemos que o comportamento de Maurício é abusivo e egoísta, sua personalidade é intimamente ligada as realizações mais profundas que poderiam alcançar. Apresenta

visivelmente, características de Don Juan, ao ponto de só se importar com ele mesmo e a realização de seu desejo. No amanhecer, Terezinha é encontrada enforcada em um galho de árvore, tinha cometido suicídio após uma noite de pecados, o arrependimento e remorso a levaram a cometer tal ato. Maurício sentiu-se extremamente culpado pela morte dela e retornou a Belém, lá sua mãe e sua madrinha haviam encontrado uma carta de despedida de Terezinha:

> Ao chegar em Belém, um dos criados de meus pais estava a me aguardar no trapiche. E contou-me que mamãe encontrara, na sede das Novas Amazonas, uma carta de Terezinha falando do vazio de sua existência, das saudades que sentia do marido e de sua intenção de cometer suicídio. Dizia-se decidida a morrer e o fazia sem nenhum ressentimento e sem acusar ninguém. A carta já estava pronta quando a convidei, e talvez a nossa aventura tenha levado um pouco de doçura a seu fim amargo. (SOUZA, 2005, p. 157).

O consolo de Maurício foi acreditar que teria levado Terezinha a desfrutar coisas que não existiam em sua vida, dando-lhe momentos de prazer. As Novas Amazonas cuidaram de seu sepultamento. Além dos rapazes e de um velho Tapuia que fez um jantar para eles naquela noite, sabiam o que tinha acontecido antes de seu suicídio.

Em um dos flashbacks que obra contém, Maurício relembra quando tinha 21 anos de idade, onde passou umas semanas em Barcarena na casa de parentes de sua mãe, quando conheceu Natalie, uma jovem inglesa filha mais velha do comerciante Briant: “Loura de olhos verdes e cabelos compridos, possuía, aos 18 anos, um corpo muito bonito, de seios fartos e pernas longas e torneadas” (SOUZA, 2005, p.54). Logo despertou seus desejos por aquela mulher, mas achava que não conseguiria conquistá-la por estar sempre cuidando dos cavalos.

Maurício sempre armava a cela para Natalie ir cavalgar pela manhã, assim foram conversando e se conhecendo melhor, até que o esperado acontecesse e ele recebe um convite para ir visitá-la à noite, pois ela estaria sozinha:

> Dei a volta e entrei na casa com o coração aos ulos. Fui caminhando com muito cuidado para não esbarrar em nada, norteando-me apenas pela tépida luz que vinha de seu quarto. Aproximei-me da cama, olhei para aquela menina adormecida, inocente e desprotegida, que nem de longe lembrava a camponesa rústica que comandara o cruzamento dos garanhões. Quando dei por mim, estava em seus braços. Natalie me beijava com fervor e foi retirando a minha camisa, arranhando e mordendo carinhosamente o meu peito. (SOUZA, 2005, p. 69)

Depois de um tempo, Maurício reencontra Natalie em Belém, que partiria para a Inglaterra nos próximos dias, e voltam a se relacionar antes de sua partida.

Um aspecto recorrente ao longo de toda a obra recai sobre as sucessivas investidas do personagem sobre diferentes mulheres. Há uma substituição de interesses que correspondem a

diferentes características dessas personagens, cada uma correspondendo a uma faceta do desejo do narrador. Assim, como estratégia para a conquista (ou burla, na figura donjuanesca), Maurício interessa-se por diversas atividades como equitação e música, ou ainda, assume traços de personalidade que atendem às expectativas dessas mulheres, como ocorreu com Terezinha, para quem fez-se galante e preocupado com o bem-estar da moça.

Essa é a justificativa para passar a se interessar por aulas de piano, pois a professora era Maria Jacinta: "Na rua da Aclamação vivia uma professora de piano, portuguesa do Minho, de pele muito branca e feições delicadas. Chamava-se Maria Jacinta, e tinha os seios mais lindo e alvos de Belém[...] resolvi tomar aulas de pianos, apenas para seduzi-la" (SOUZA, 2005, p. 171). Nota-se que seu empenho não é aprender a tocar piano, e sim a conquistá-la. Com aulas e as conversas viraram amigos, era mulher muito religiosa, assim o seu interesse diminuiu. Quando soube que ela foi presa acusada de homiziar inimigos do governo, Maurício fez de tudo para tirá-la da cadeia e assim fez-se.

Foram para casa dele, ele foi logo tratando de acaricia-la e elogiando seu corpo, "Agarrei Maria Jacinta, fui beijando-lhe o pescoço e acariciando os seios maravilhosos. Ela desvencilhou-se de meus braços e retirou cuidadosamente as meias, apanhou o espartilho e o ajeitou no encosto. (SOUZA, 2005, p.178).

Angelim, um amigo de Maurício o convida para conhecer uma rocinha lá pelas bandas de Nazaré, acompanhado de duas formosas Tapuias:

> As duas moças sorriam e pareciam não entender o que falávamos. Eram graciosas, os cabelos longos e sedosos iam até a cintura, cada uma trazia um lindo par de olhos negros, misteriosos, e vestiam-se com uma elegância aristocrática, uma airosa simplicidade, uma altivez de princesas selvagens. (SOUZA, 2005, p.195).

Claramente, eram as acompanhantes para os dois amigos se divertirem e passarem a noite bebendo.

Uma figura feminina perpassa toda a obra: Joaninha, uma moça de família humilde que morava no Cacoalinho com a mãe, Dona Elvira. Era por essa moça que Maurício se dizia ser apaixonado:

> Eu vinha ruminando sobre o meu amor por Joaninha há vários dias. O que me atraía nela? A beleza? Os olhos castanhos? A pele morna da mão me deixava perturbado, o perfume dela me inebriava. Para dizer a verdade, o que eu sei da Joaninha? Quem é ela, como será ela? Tínhamos conversado pouco e apenas trocados olhares, entrelaçando os dedos. (SOUZA, 2005, p. 102).

A mãe de Joaninha não permitia essa aproximação, pois temia pela integridade da filha, de ser só uma na vida de Maurício, como acontecia com as demais mulheres, com as quais ele se envolvia.

No decorrer das cenas, percebemos que mesmo Maurício se dizendo apaixonado por Joaninha, não nega em se relacionar com outras mulheres, o que contraria esse sentimento e comprova ainda mais as características de Don Juan, em não manter seus relacionamentos duradouros.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem como ser dominante na sociedade patriarcal, tem como ser dominado as mulheres, que devem obedecer e satisfazer todos os desejos do homem. Cabe ao homem o poder de tomar as decisões, seja na família ou na organização da sociedade. Não contrariado, pois esse direito é lhe dado institucionalmente.

Interpretamos o personagem Don Juan, nesse contexto no qual ele é um personagem arquétipo da sedução, que surgiu no início de 1600 por Tirso de Molina. Este, traz consigo o poder de seduzir a mulher que deseja no momento, usando todas as formas para alcançar o seu objetivo. Desde seu surgimento, vem sendo frequente o uso de sua temática como fonte para outras obras que se assemelham.

O patriarcado se relaciona de forma direta com o donjuanismo, já que nesses dois vieses o poder da dominação masculina está incluso. Tal poder, propõe o direito do homem sobre a mulher, porém o donjuanismo ultrapassa essa questão, além de desfrutar desse poder, usa também seu poder de sedução, que juntos colidem na ordem patriarcal, no momento que passa a conquistar as mulheres, ou filhas dos homens que estão inseridos no patriarcalismo.

Na obra que analisamos, a sociedade patriarcal que residia na região, concebe a Maurício poderes de agir conforme os outros homens abastados que viviam na província. Por outro lado, o poder do homem entraria em contradição ao poder de sedução de Maurício, à medida que tinha regalias com as mulheres, também tinha a facilidade de seduzir a filha, ou até mesmo as mulheres desses homens.

Na obra **Revolta,** Maurício Vilaça, apresenta as características do Don Juan, principalmente se considerarmos os seus traços psicológicos, pois utiliza ora as artimanhas da conquista, como ocorre com as personagens como: Madame Wanderkok, Natalie, Matilde, Maria Jacinta e Terezinha, mas que não funcionou com Joaninha, pela proteção da mãe, ora a

violência ou o “direito” que o assiste como homem branco e que está inserido em uma sociedade patriarcal como nos encontros com as tapuias.

Evidenciamos que Maurício Vilaça apresenta características do Don Juan em vários traços psicológicos durante toda a narrativa, como vimos nesta análise. A busca insaciada pela sedução, tornou-se frequente no decorrer das cenas, vimos que o prazer diverge com o sentimento emocional, para este os meios com que buscava conquistar as mulheres objetificadas, justificavam os fins. Sendo assim, seus envolvimentos eram pouco duradouros, na medida que sua vontade de conquista era realizada e o objetivo alcançado, partia em busca de novas relações. Não tinha nenhum tipo de envolvimento emocional com tais mulheres, somente a busca fugaz de seu prazer.

Também foi possível analisar que Maurício não se importava com dificuldade que surgiam em seu caminho rumo a conquista, como os casos de mulheres religiosas nos quais se envolveu, quanto maior era a dificuldade, o seu desejo tornava-se mais forte.

Isso nos permite afirmar que os traços do complexo de D. Juan foram evidenciados durante a obra, que resulta um comportamento obsessivo pelo ato de seduzir, o desejo torna-se maior quando encontra barreiras a sua conquista, e é inconstante a insatisfação pessoal.

Portanto, o comportamento do personagem com as mulheres, deixou claro o alcance do objetivo buscado neste trabalho, não esgotando as possibilidades de leituras, uma vez que, no tema do patriarcado e suas relações de violência contra a mulher, ainda há muito o que se explorar na obra. Para além dessa perspectiva, os aspectos históricos, preteridos em nossa análise, também são significativos e merecedores de futuros trabalhos acadêmicos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, R.R**. Família Patriarcal e Nuclear: Conceito, características e transformações,** II Seminário de pesquisa da pós-graduação em história UFG/UCG.

ARAÚJO, Jorge de Souza. **Do penhor à pena: estudos do mito de Don Juan, desdobramentos e equivalências** - Ilhéus, Ba: Editus, 2005.

BARRETO, M.P.S.L., **Patriarcalismo e o Feminismo: uma retrospectiva histórica,** Revista Àrtemis, v.18, n. 1, p.64-73, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CANDIDO, Antônio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Lisboa: Edições 70, 1972.

JUNIOR, Benjamin Abdala. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Scipione, 1995.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação** (1937). In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 363-364.

LOSA, Margarida. **Don Juan**: ameaça do patriarcado. Disponível em:<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/2015/2/mlosacoloquio2000084328.pdf>. Acesso em: 12.jun.2018.

MEZAN, R. **A sombra de Don Juan e outros ensaios**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

REIS, Carlos (dir.), **Discursos - nº 12 (Literatura e Cinema)**, Lisboa, Universidade Aberta,1996

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SOUZA, Márcio, **Revolta**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

http://tvbrasil.ebc.com.br/impressoes-do-brasil/episodio/marcio-souza-um-escritor-que-discute-a-amazonia. Acesso em abril de 2018.